



**A DANÇA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO REMOTO NO IFMT**

**DANCE AS CONTENT OF PHYSICAL EDUCATION:  
AN EXPERIENCE WITH REMOTE TEACHING AT IFMT**

**LA DANZA COMO CONTENIDO DE EDUCACIÓN FÍSICA:  
UNA EXPERIENCIA CON ENSEÑANZA A DISTANCIA EN IFMT**


**Larissa Beraldo Kawashima**


<https://orcid.org/0000-0002-2613-9647> 

<http://lattes.cnpq.br/7049292211666474> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)  
larissa.kawashima@ifmt.edu.br

**Marcelo Gomes Alexandre**


<https://orcid.org/0000-0001-9497-5017> 

<http://lattes.cnpq.br/2633269794377460> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)  
marcelo.alexandre@ifmt.edu.br


**Marcos Roberto Godoi**


<https://orcid.org/0000-0002-9238-4704> 

<http://lattes.cnpq.br/3059311968076769> 

Escola Municipal Madre Marta Cerutti (Cuiabá, MT – Brasil)  
mrgodoi78@hotmail.com

**Elisangela Almeida Barbosa**

<https://orcid.org/0000-0002-4342-6525> 

<http://lattes.cnpq.br/3022853688873014> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)  
elisangela.almeida@ifmt.edu.br

**Resumo**

Este texto tem por objetivo apresentar e descrever uma experiência com o ensino remoto da Dança nas aulas de Educação Física com turmas do Ensino Médio integrado durante o contexto da pandemia de COVID-19. A apresentação da experiência seguiu os caminhos percorridos na sequência pedagógica construída, sendo estruturada a partir da elaboração coletiva do plano de ensino/aula entre os professores das turmas envolvidas e o desenvolvimento dos conteúdos durante as aulas. Os conteúdos selecionados estavam relacionados ao ensino da dança, como conceito de ritmo e dança, classificações segundo construção histórica e os preconceitos relacionados às danças. Encontramos estratégias que permitiram desenvolver o conteúdo durante as aulas propostas, de forma que os alunos pudessem conhecer e vivenciar algumas danças, mesmo que através de acesso e produção de vídeos, exigindo pesquisa e dinamicidade de nós, professores, para promover um encontro entre as linguagens utilizadas (corporal, visual, midiática) e os interesses dos alunos.

**Palavras-chave:** Dança; Ensino Remoto; Ensino Médio; Educação Física.

**Abstract**

This text aims to present and describe an experience with remote teaching of Dance in Physical Education classes with integrated High School classes during the context of the COVID-19 pandemic. The presentation of the experience followed the paths followed in the constructed pedagogical sequence, being structured from the collective elaboration of the teaching/class plan between the teachers of the classes involved and the development



of content during the classes. The selected contents were related to dance teaching, such as the concept of rhythm and dance, classifications according to historical construction and prejudices related to dances. We found strategies that allowed us to develop the content during the proposed classes, so that students could know and experience some dances, even through access to and production of videos, requiring research and dynamism from us, teachers, to promote a meeting between the languages used (body, visual, media) and the interests of the students.

**Keywords:** Dance; Remote Teaching; High School; Physical Education.

### Resumen

Este texto tiene como objetivo presentar y describir una experiencia con la enseñanza a distancia de la Danza en las clases de Educación Física con clases integradas de Enseñanza Media durante el contexto de la pandemia del COVID-19. La presentación de la experiencia siguió los caminos seguidos en la secuencia pedagógica construida, estructurándose a partir de la elaboración colectiva del plan de enseñanza/clase entre los docentes de las clases involucradas y el desarrollo de los contenidos durante las clases. Los contenidos seleccionados estaban relacionados con la enseñanza de la danza, como el concepto de ritmo y danza, las clasificaciones según la construcción histórica y los prejuicios relacionados con las danzas. Encontramos estrategias que permitieron el desarrollo de contenidos durante las clases propuestas, para que los estudiantes pudieran conocer y vivenciar algunos bailes, aunque sea a través del acceso y producción de videos, requiriendo investigación y dinamismo de nosotros, los docentes, para promover un encuentro entre lenguajes. utilizados (corporales, visuales, multimedia) y los intereses de los alumnos.

**Palabras clave:** Danza; Enseñanza a Distancia; Escuela Secundaria; Educación Física.

## INTRODUÇÃO

Uma das finalidades de uma intervenção curricular emancipadora e contemporânea é preparar os estudantes para serem cidadãos ativos, críticos e membros de uma sociedade solidária e democrática. Nesta perspectiva, é preciso especificar os princípios pedagógicos, os procedimentos de ensino-aprendizagem, os conteúdos culturais selecionados e abordados, as formas de avaliação e os modelos organizativos que contribuam para a socialização crítica dos estudantes, bem como para a construção de seus conhecimentos, capacidades, atitudes e valores necessários para se tornarem bons cidadãos (TORRES SANTOMÉ, 2013).

Para desenvolver esse trabalho formativo, a escola precisa colocar em ação projetos curriculares fundamentados em conhecimentos adequados, contrastando com questões sociais atuais. Ademais, é importante que os estudantes sejam levados a tomar decisões, solicitar a colaboração de colegas, debater e criticar sem medo de ser sancionado por opinar e defender posturas contrárias as dos professores, dentre outras (TORRES SANTOMÉ, 2013).

Nesta perspectiva, este texto tem por objetivo apresentar e descrever uma experiência com o ensino remoto da Dança nas aulas de Educação Física com turmas do Ensino Médio integrado dos cursos de Eventos e Secretariado durante o contexto da pandemia da COVID-19. A experiência foi realizada no ano letivo de 2020 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT, campus Cuiabá Cel. Octayde Jorge da Silva. A



opção em relatar a experiência com o conteúdo “Dança” se deu por ter sido este o primeiro conteúdo a ser oferecido totalmente de forma remota em 2020.

Destaca-se que abordar o conteúdo Dança por meio do ensino remoto representou um triplo desafio. Primeiro porque o ensino da Educação Física no formato remoto por si só apresentou novas demandas aos professores, que tiveram que se reinventar e se adaptar a um novo formato de ensino mediado pelas tecnologias digitais (GODOI et al., 2020; GODOI; KAWASHIMA; GOMES, 2020; GODOI et al., 2021).

O segundo ponto refere-se à ruptura com o modelo tradicional de Educação Física. Conforme González e Fensterseifer (2009, p. 12), a ruptura com o modelo tradicional – o “exercitar para” – trouxe a necessidade da Educação Física de reinventar o seu espaço na escola, na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico, “subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo”.

A terceira questão foi romper com o modelo tradicional de ensino da Dança, uma vez que a dança nas aulas de Educação Física enfrenta diversos problemas que vão desde a falta de espaço físico adequado e carências na formação inicial e continuada do professor, até as “barreiras apresentadas pelos próprios alunos, como vergonha, a resistência ao conteúdo, a exposição exagerada e o preconceito”, interferindo na inserção deste conteúdo na escola (DINIZ et. al. 2017, p. 385). Problemas que poderiam ser agravados com a transposição do conteúdo para o ensino remoto.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DANÇA NO ENSINO MÉDIO**

A Educação Física no Ensino Médio deve ser pensada não apenas como uma disciplina isolada, mas integrada à área das Linguagens, como um de seus componentes curriculares. Na proposta para esta etapa da Educação Básica, a Área de Linguagens tem a responsabilidade de propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – inclusive artísticas e corporais – e a Educação Física, a de proporcionar/viabilizar aos estudantes a vivência do movimento e da gestualidade de práticas corporais de diferentes grupos culturais, analisando os discursos e os valores associados a elas (BRASIL, 2017).



Porém, se já havia “uma dificuldade em repensar o modelo de Educação Física oferecido nas escolas, com práticas pedagógicas contextualizadas e conteúdos sistematizados, o desafio agora é muito maior” (KAWASHIMA; MOREIRA, 2020, p. 13). Soma-se a isso, os desafios de um ensino remoto, apresentado na introdução deste texto.

A Educação Física no Ensino Médio integrado busca atender um de seus principais objetivos na escola, que é oportunizar/vivenciar/diversificar manifestações culturais construídas historicamente e valorizadas pela nossa sociedade há longa data, de modo que, ao aprendê-las, ganhem autonomia para praticá-las por toda a vida, nos mais diferentes ambientes em que estas se manifestarem e para que vivam melhor individualmente e em sociedade (SANTANA; REIS, 2006 apud KAWASHIMA; MOREIRA, 2020). Sendo assim, a proposta de Educação Física aqui apresentada considera uma organização curricular com conteúdos sistematizados e integrados à proposta pedagógica dos cursos (Secretariado e Eventos).

Para tanto, é preciso promover ações que garantam aos alunos possibilidades de adquirirem autonomia, possibilitando-os serem agentes críticos e transformadores de sua realidade, tarefa que só surtirá efeito se houver um processo de construção conjunta, provendo-os de fundamentos teóricos e práticos que os permitam compreender a relevância e amplitude das manifestações da cultura corporal de movimento (CORREIA, 2011; MOREIRA; PEREIRA; LOPES, 2009).

Para Kawashima e Moreira (2020, p. 19),

As aulas de Educação Física no Ensino Médio precisam garantir o direito de participação e aprendizagem de todos os alunos, com aulas inclusivas, igualitárias, sem exclusão social, de gênero ou deficiência. Aulas em que todos possam conhecer e compreender as mais diversas formas de manifestação da cultura corporal de movimento. Agora, se acessarão esses conhecimentos em suas vidas, não sabemos! Mas, pelo menos, terão autonomia para decidirem por si.

Assumindo o posicionamento da impossibilidade de ofertar todas as práticas corporais existentes ao longo da Educação Básica, muito menos num período de três anos correspondente ao Ensino Médio, a dança foi selecionada como um dos conteúdos possíveis de serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física, considerando o formato de ensino remoto.

Vale destacar que a Dança é um dos conteúdos tematizados na Educação Física e a compreendemos, assim como Sborquia e Gallardo (2006), como uma manifestação da



expressividade humana, considerando que é produzida e reproduzida conforme as características do contexto e dos grupos sociais que dançam, de suas crenças e valores.

A relevância desse conteúdo considera “a importância de apreender e vivenciar nossa cultura corpórea através da dança, uma linguagem que o homem construiu e reconstrói/constrói ao longo da sua história”, como ressalta Brasileiro (2006, p. 56). Para a autora, há a necessidade de superar o fato de que a Dança está limitada ao reconhecimento de movimentos, pois assim, “retira-se dela o seu sentido/significado, ou a possibilidade de construí-los, e apega-se unicamente às suas possibilidades de movimento, aos seus códigos”.

Como linguagem construída pelo ser humano, a pluralidade é uma característica marcante da dança e aspectos como variedade de estilos e formas, propostas educativas, produções artísticas, entre outros fatores, são expressivos no Brasil. Ao fazer apontamentos sobre as exigências da sociedade tecnológica, Marques (2007, p. 17) afirma que “é nessa perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar mais crítico sobre a dança na escola”, problematizando temas que façam sentido aos estudantes e que abram espaço para dialogar com suas ideias e afinidades. É fato que a dança ocupa espaços da escola e o mundo tecnológico tem influenciado escolhas e práticas corporais que são levadas e desenvolvidas nela.

Ainda que seja importante considerar as características e demandas do mundo tecnológico e o momento de ensino remoto devido à pandemia da Covid-19, é importante salientar o entendimento de que o movimento dançante é intencional, contextualizado, envolvendo a solicitação e a promoção de aspectos diversos (motor, cognitivo, afetivo, social, cultural) com referências históricas e significados impressos no corpo que se tornam visíveis pela expressão (SBORQUIA, 2002) e que esses são conhecimentos que podem criar um espaço de diálogo, de reflexão e prática da dança nas aulas de Educação Física.

Na Educação Física, a tematização da dança tem como um dos objetivos a compreensão da realidade em foco. O professor precisa ajudar e acompanhar os alunos na identificação dos seus significados, nos efeitos que ela produz em quem dança e como se dão as relações de poder nos grupos sociais que dançam. Como afirmam Sborquia e Neira (2008), uma condição *sine qua non* é não desqualificar ou desprestigiar nenhum estilo de Dança e nem seus representantes, principalmente, acrescentamos, ao tratar dela no processo formativo da educação básica.



Trabalhar a dança na escola, nesse sentido, exige do professor dinamicidade, criatividade e muita pesquisa das vivências socioculturais, pois a dança, como várias outras linguagens, retrata as ansiedades, ideias, necessidades e interesses de cada época (NANNI, 2002). Para refletir sobre essas questões, Marques (2007) afirma que ao processo educacional transformador pertence a possibilidade de interferir, de compreender e participar criticamente do mundo na contemporaneidade. Nesse mundo globalizado e tecnológico, as propostas pedagógicas para o ensino da dança estariam mais voltadas a “perceber as imensas teias de relações tecidas dia a dia entre as Danças veiculadas pela mídia, as Danças tradicionais, as Danças das festas e dos bailes” (MARQUES, 2007, p. 161). Assim, qualquer Dança desenvolvida traz, nela mesma, conceitos que precisam ser discutidos e articulados verbal e corporalmente por meio de práticas pedagógicas.

## **METODOLOGIA**

Este artigo se configura como um relato de experiência em que são descritas e analisadas as etapas da sequência didática planejada para o ensino remoto da Dança com as turmas do 2º ano do Ensino Médio do IFMT. Nos relatos de experiência, os professores explicitam sua intenção nas atividades pedagógicas planejadas e realizadas, suas observações e reflexões durante o ensino, bem como anunciam planos futuros, com vistas a melhoria do processo pedagógico. Ademais, o relato de experiência é um artefato importante para a formação inicial e continuada de professores, pois permite colocar o conhecimento produzido pelos professores disponível ao acesso de outras pessoas (NEIRA, 2017).

Para Chizzotti (2013, p. 108), “o professor é, por exigência de sua prática, um observador constante que recolhe informações de diversas formas, compartilhando suas percepções, convivendo com pessoas e com problemas persistentes que circundam sua atividade”. Desta forma, o professor realiza exercícios de investigação em sua atividade cotidiana, com sistematizações, habilitando-o a combinar atividades regulares de ensino com algumas formas de pesquisa (CHIZZOTTI, 2013).

A experiência se configura como qualitativa-descritiva, pois segundo Lüdke e André (1986) supõe o contato direto e prolongado do professor-pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo, neste caso, as atividades remotas. O lócus da experiência são as aulas de Educação Física dos



cursos técnicos de Secretariado e Eventos integrado ao ensino médio do IFMT – Campus Cuiabá Cel. Octayde Jorge da Silva, sendo os sujeitos os estudantes matriculados nas quatro turmas de 2º ano do ano letivo de 2020, somando 140 indivíduos envolvidos. Para garantir o sigilo da identidade dos alunos, foram utilizados nomes fictícios ou abreviações do primeiro nome.

A apresentação da experiência seguirá os caminhos percorridos na sequência pedagógica construída, sendo estruturada a partir da elaboração coletiva do plano de ensino/plano de aula entre os professores das turmas envolvidas e o desenvolvimento dos conteúdos durante as aulas. A experiência foi desenvolvida durante o segundo bimestre do ano letivo de 2020, no período de 31 de julho a 25 de setembro do referido ano.

### **Relato da experiência: planejamento e primeiras aulas**

Este relato se refere ao 2º bimestre do ano letivo de 2020, em que as atividades ocorreram em formato remoto estabelecido pelo Regime de Exercício Domiciliar (RED) no IFMT (IFMT, 2020). O registro do planejamento bimestral foi realizado por meio de documento eletrônico no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), por meio de formulário eletrônico do RED e revisado e aprovado pela coordenação de cada curso.

O IFMT adotou a plataforma Moodle, um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para as atividades remotas, e o Google Meet para os encontros online (aulas síncronas). Todas as aulas síncronas no Google Meet foram gravadas e disponibilizadas no AVA para os alunos que não conseguiram assistir ao vivo. Além disso, os slides e/ou outros materiais apresentados durante os encontros também foram disponibilizados na plataforma.

Para elaboração do Plano de Ensino, constava nas ementas dos Projetos Pedagógicos de Curso o tema “danças: regionais, folclóricas e populares”. Desta forma, os conteúdos selecionados para o bimestre foram: conceito de ritmo e sua identificação nas mais diferentes situações; classificações das danças segundo sua construção histórica; os preconceitos relacionados às danças; conceitos, pesquisa e construção de documentários sobre danças regionais, folclóricas e populares; construção e apresentação sobre a origem, história e vivência de um estilo de dança.

A experiência relatada já havia sido desenvolvida de modo presencial nos anos anteriores, sendo repensada e adaptada para a realidade do ensino remoto, totalizando 20



aulas. Inicialmente, foi realizado um encontro online (aula síncrona) com cada turma para apresentação do planejamento para o bimestre e introdução aos conceitos de atividades rítmicas, expressivas e danças, utilizando *Power Point*.

Como atividades complementares, foram disponibilizados no AVA materiais para leitura e visualização, sendo um texto com recorte do capítulo 12 “Dança” (GASPARI, 2005) do livro “Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica” (DARIDO; RANGEL, 2005) sobre a classificação das danças segundo os dados históricos (étnicas, folclóricas, de salão e artística ou teatral) e, também, vídeos de algumas danças referentes a essas classificações.

Para problematização, discussão e identificação de preconceitos relacionados às danças, disponibilizamos na plataforma AVA, o filme “Vem dançar” (link do YouTube), e mais dois textos (reportagens) que tratam de preconceitos relacionados às danças, sendo o primeiro “Dança é coisa de homem, sim, senhor!” e “O preconceito contra o funk”. Filme e textos abordavam preconceitos relacionados a expressões socioculturais, gênero, gordofobia, homofobia, dentre outros temas contemporâneos transversais.

Diniz e colaboradores (2017) propõem que, no Ensino Médio, ocorra um aprofundamento dos conhecimentos a partir da dimensão conceitual e atitudinal, através de temas que podem auxiliar no tratamento da dança, uma vez que as experiências podem oferecer aos alunos outras possibilidades de aprender sobre ela. Num segundo momento, poder-se-ia explorar a dimensão procedimental. Desta forma, a proposição de textos e vídeos para debater os preconceitos presentes nas manifestações da dança corroborou a ideia dos autores.

Na sequência, ainda sobre o tema preconceitos, realizamos uma aula síncrona com os alunos para discutirmos os textos e vídeos mencionados e os alunos fizeram uma atividade avaliativa no AVA para responder questões sobre assunto: uma atividade relacionada à classificação das danças; demais questões: sobre o filme “Vem Dançar” – Quais os preconceitos que você conseguiu identificar no filme? Descreva-os; sobre os textos: a) Quais são eles? Você acredita que eles acontecem nos dias atuais? b) Você já vivenciou ou viu alguém sofrer algum preconceito por praticar ou gostar de alguma dança? Conte-nos como foi. Se a resposta for negativa, você pode falar sobre outro preconceito com as danças que você conheça.

Em relação a esta última questão respondida pelos alunos, chamou-nos atenção relatos de preconceitos sofridos ou preconizados por eles:





Eu mesma já julguei o estilo de dança do funk, achava que era muito apelativo, hoje eu gosto, mas sei que muitos vão ter uma impressão pré construída quando você diz gostar de funk, é algo meio velado. O mesmo acontece com quem gosta de *k-pop*, muitos vão ter uma imagem construída da sua personalidade só levando em conta um dos muitos gostos que alguém tem (Grazi)

Sim, por gostar de ouvir e dançar funk, algumas pessoas acham que não é adequado de uma “moça” dançar desse jeito (Cris)

Já sofri preconceito por querer dançar balé. Nunca dancei de fato, pois quando falava que queria dançar, as pessoas falavam, “mas balé é para gente magra e você não é magra daquele jeito”, e eu acabei desistindo da ideia depois que contei para alguns amigos (Maria)

Sim, bom, inicialmente foi difícil, pois se você não for forte não irá conseguir superar isso que se torna até um medo em tudo que você for fazer em relação a dançar. No início eu parei por achar que isso era feio e errado, principalmente por questões familiares e aí o preconceito se torna maior. Por isso parei de dançar para deixar de seguir meus sonhos para realizar de outros. Estudar, fazer uma faculdade e dar orgulho a eles. Mais o que eu realmente queria era poder entrar pra uma academia de dança. Praticar eu sinto a dança dentro de mim o ritmo, a batida. Tudo que seja relacionado a dança me inspira. Isso me move e eu amo dançar de tudo para sempre ser um aprender coisas novas. Eu levo minha vida acadêmica como uma música e dança. Tem momentos em que é aplaudido e momentos que é vaiado. Mais de uma coisa sei no final de tudo sempre haverá alguém que sentirá orgulho de você estar ali (sic.). (João)

Foi possível apreender dos relatos a existência de preconceitos com determinadas danças, como é o caso do funk ou *k-pop*. O funk é uma dança presente na realidade dos alunos, destacado por Diniz e colaboradores (2017, p. 386) como danças que “parecem se aproximar do contexto dos alunos, como é o caso do *hip hop*, do funk e de outras danças eletrônicas, por exemplo”. Por essa proximidade, e podemos dizer até mesmo inserção, uma estratégia indicada como inicial para o conteúdo dança é “a utilização dessas manifestações para que, num segundo momento, os alunos se mostrassem menos resistentes a aprender sobre esse conteúdo” (DINIZ et al., 2017, p. 386).

A estética relacionada ao balé e sua ligação às raízes europeias, instituem-na como uma dança elitizada (SBÓRQUIA; NEIRA, 2008). Por ter sido por muitos séculos a referência de corpo e comportamento na dança, reforçados pelo período romântico do balé, a bailarina continua representando a hegemonia da figura feminina, branca, leve, de perfil alongado que ainda ocupa o imaginário no ambiente escolar (MENDES, 2001; MARQUES, 2007).

Ainda que a questão seja a dança na escola, considerando-a parte do processo educativo onde se espera que seja desprovida dos padrões vistos para as danças mais clássicas,



principalmente sobre os ideais de corpos a quem é apresentada como momento de conhecimento e prática, esses ideais (magreza, flexibilidade, leveza) continuam muito presentes e, por vezes, restringem a possibilidade do sujeito de se ver dançando (MARQUES, 2007), como no caso do relato de uma das alunas.

Associadas a esse estereótipo, posturas como a gordofobia, racismo e homofobia acabam ganhando espaço na escola, o que precisa ser desconstruído e repensado pela nossa sociedade. Para aprofundar ainda mais este debate organizamos uma aula/live com o tema “Quem dança a dança?: trajetórias artísticas e enfrentamentos”, realizada pelo *Google Meet* com convidadas envolvidas no meio da dança para debater questões raciais, de gênero, entre outras, relacionadas às danças. As palestrantes foram duas professoras, negras e bailarinas, que compartilharam suas experiências com o balé e outras danças de origem afro-brasileiras conosco.

Esta atividade foi importante, pois com a oportunidade de dialogar com elas, os alunos expuseram suas experiências e se identificaram com as histórias de vida das professoras. Além disso, pudemos compreender melhor questões como: o racismo estrutural em nossa sociedade; como o preconceito afeta diretamente as escolhas das pessoas em praticar determinadas danças; sobre as vestimentas do balé clássico e sua relação com as meias calças e sapatilhas rosas como padrão pela continuidade do “tom da pele” das bailarinas; a escassa presença de pessoas negras em salas de aula de balé clássico, entre outras discussões. A atividade foi transmitida ao vivo pela rede social Facebook, com participação aberta tanto à comunidade escolar quanto externa à Instituição.

### **Os vídeos sobre dança e questões do Enem**

Para ampliar os conhecimentos e, também, incentivar o contato e a vivência de diversos estilos de dança, foi solicitado aos alunos a elaboração de um vídeo (trabalho) sobre uma dança escolhida por eles, com a seguinte organização: formação de grupos de 5 a 8 pessoas, escolha do grupo de uma dança para pesquisar e apresentar em formato de programa de televisão, reportagem ou documentário, construindo um vídeo em que todos aparecessem apresentando parte do trabalho.

Entre os elementos apresentados no vídeo deveriam constar: a origem, história e classificação da dança (conforme dados históricos apresentados em aula); curiosidades sobre



a dança pesquisada; apresentar criatividade na elaboração do vídeo; exibir o grupo dançando; todos os componentes do grupo deveriam aparecer no vídeo (apresentando e/ou dançando). Não era obrigatório que todos dançassem e poderiam, ainda, convidar pessoas externas à turma para participar, como amigos e familiares. Os grupos deveriam fazer as gravações em suas próprias residências, sem reuniões presenciais devido ao isolamento social imposto pela pandemia, utilizando de edições para compor um trabalho único. O trabalho foi enviado previamente no AVA e apresentado no formato de “seminário online” no horário da aula síncrona de cada turma pelo *Google Meet*.

A avaliação foi realizada pelos próprios alunos (avaliação por pares) por meio de questões organizadas pelos professores no *Google Forms*, tendo como critérios de avaliação os elementos obrigatórios que deveriam constar nos vídeos, atribuindo uma nota de 0-10 para cada apresentação, sendo a nota de cada grupo resultante de uma média das notas das avaliações por pares.

A participação dos alunos na pesquisa, elaboração e apresentação dos vídeos no encontro online foi expressiva, principalmente em uma das turmas do curso de Secretariado, em que grande parte dos alunos abriu a câmera para prestigiar e se manifestar sobre o vídeo dos colegas, interagindo, comentado e elogiando as produções.

Consideramos uma atitude diferenciada da turma, já que a exposição do corpo pela dança é um dos fatores que contribui para que muitos alunos, principalmente os jovens, sintam vergonha em se expressar, medo de errar um passo ou até mesmo insegurança de ser julgado pelos colegas (DINIZ et al., 2017), gerando um desinteresse crônico pelo conteúdo:

É claro que este contexto foi delineado em toda história escolar, e não se iniciou no Ensino Médio, todavia a fase que os jovens vivenciam neste período está permeada de sensações, medos, anseios e dúvidas. Para os adolescentes, pequenas situações parecem enormes, com impactos determinantes para a vida social e para o relacionamento com os colegas. Neste cenário de múltiplas transformações e intensidades na vida dos jovens, a dança acaba ainda mais distante das aulas de Educação Física, por exigir muitas vezes dos alunos que se expressem diante da turma, que vivenciem as possibilidades de liberdade de movimento e criação, pela simples necessidade de dançar, estratégias que podem afastar ainda mais os alunos. (DINIZ et al., 2017, p. 387).

Porém, dançar e/ou se expressar por meio dos vídeos se mostrou uma estratégia interessante e atrativa para as aulas remotas, pois os alunos têm domínio das ferramentas tecnológicas melhor que nós, professores, que tivemos que nos adaptar e nos apropriar do



mundo digital repentinamente. A tecnologia faz parte do universo dos jovens estudantes do IFMT e assim:

[...] faz-se necessário atentar para como e de que maneira a tecnologia está entrelaçada com a cultura juvenil. Por isso, é imprescindível agregar novos valores às possibilidades que foram abertas com o advento das tecnologias. É preciso notar as suas predileções, as formas de compreensão do mundo que os cercam, os produtos culturais criados para seu consumo, bem como os significados que deles emanam (BATISTA et al., 2016, p. 115).

Para Bianchi, Pires e Vanzin (2008 apud BATISTA et al. 2016, p. 117), a inclusão das tecnologias da informação e comunicação (TICs) nas aulas de Educação Física é importante pois conecta a linguagem dos alunos ao lançar conteúdos expostos nas mídias em que “os alunos têm interesse e curiosidade, discutindo-os, reconstruindo seus significados e inovando nas estratégias de ensino-aprendizagem dos seus próprios conteúdos escolares”.

Como resultado dos vídeos, as danças apresentadas pelos alunos foram: maculelê, hula, valsa, jive rock, dança do ventre, samba, axé, j-pop, k-pop, sertanejo universitário, dança contemporânea, rasqueado e jazz. As figuras 1 a 6 a seguir são prints de alguns vídeos apresentados:

**Figura 1** – Rock



**Fonte:** acervo dos autores.



**Figura 2** – Maculelê



**Fonte:** acervo dos autores.

**Figura 3** – J-Pop



**Fonte:** acervo dos autores.

**Figura 4** – Rasqueado



**Fonte:** acervo dos autores.

**Figura 5** – Axé

**Fonte:** acervo dos autores.

**Figura 6** – Valsa

**Fonte:** acervo dos autores.

Ao apresentar os vídeos e socializar os conhecimentos pesquisados por cada grupo, verificamos que as experiências vivenciadas e compartilhadas pelos alunos fizeram sentido, pois, conforme Kawashima e Moreira (2020, p. 30-31):

É preciso oferecer subsídios para que os alunos compreendam o que aprendem, atribuindo significado à prática a partir dos conceitos, dos fatos, da análise crítica dos conteúdos e do estabelecimento de relações com a vida cotidiana, para que sejam capazes de entender o porquê de fazer determinado movimento ou vivenciar este ou aquele esporte, dança ou ginástica. Enfim, é preciso que as experiências façam sentido para os alunos. É a aprendizagem para a vida, a relação entre os saberes e o mundo, os outros ou consigo mesmos, passando, então, a fazer sentido para eles.

Para finalizar o conteúdo havíamos planejado a discussão de questões referentes ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM - sobre dança. Porém, devido ao número reduzido das aulas, alteramos a estratégia e não discutimos as questões com os alunos, realizando,



então, uma avaliação no *Google Forms* no formato de *Quiz* em que foram disponibilizadas todas as questões que versaram sobre a temática de dança no ENEM e outras elaboradas por nós, professores. A avaliação funcionou como um simulado para o ENEM e os alunos sugeriram que fosse atribuída nota de 5,0 pontos, sendo que poderiam errar até duas questões sem prejuízo na nota. Todos os alunos realizaram a avaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma avaliação da própria prática docente, como sugere Franco (2012), percebemos o avanço em relação à utilização das TICs nas aulas de Educação Física, aproveitando o conhecimento dos alunos em manusear as ferramentas digitais, algo que era pouco utilizado no ensino presencial. Foi necessária uma experiência anterior realizando as mesmas atividades para identificar uma nova forma de avaliação mais condizente e justa com a produção dos alunos. Franco (2012, p. 189) ressalta que:

[...] qualquer prática docente não começa do zero, mas vai estruturando-se num caminho histórico, e as inovações pretendidas devem ser vistas como reajustes de trajetória. Esses reajustes de trajetória vão tornando-se mais pertinentes e constantes à medida que se amplia a consciência dos docentes sobre a própria prática.

Como já havíamos mencionado, dança não é um conteúdo que temos domínio, principalmente os de ordem procedimental. Sabemos que são muitos os argumentos que fazem parte das justificativas para a ausência da dança entre os conteúdos da Educação Física e a falta de experiência ou de domínio está entre eles (BARBOSA, 2011). Porém, entendemos que não temos o direito de negar qualquer que seja o conhecimento aos alunos, sendo assim, encontramos estratégias que nos permitiram desenvolver o conteúdo durante as aulas propostas, de forma que os alunos pudessem conhecer e vivenciar algumas danças, mesmo que fossem através de acesso e produção de vídeos, o que exigiu pesquisa e dinamicidade de nós, professores, para promover um encontro entre as linguagens utilizadas (corporal, visual, midiática) e os interesses dos alunos.

Ao apresentar os principais conceitos de ritmo e classificação das danças, tematizar o conteúdo pela perspectiva dos preconceitos delimitados a alguns tipos de dança pelo encontro com falas de pessoas que vivenciaram (ou vivenciam) tais situações, dispor materiais de estudo e contar com produção de material visual como trabalho final, buscamos oferecer, ao menos em parte, as propostas e ações múltiplas pontuadas por Marques (2007), na intenção



de problematizar temas significativos aos estudantes e abrir espaço para possíveis diálogos de suas ideias e afinidades.

Foi possível perceber esse espaço de diálogo ao longo das aulas: tanto a aula-live quanto a atividade sobre o filme “Vem dançar”, por exemplo, evidenciaram o quanto muitos estudantes ainda se restringem ou desistem de vivências em dança, mesmo na escola, por receio de julgamentos, críticas e discriminações diversas. Muitos se identificaram com a fala das professoras e se sentiram, naquele momento, livres pra expressar sua opinião. Essa “liberdade” pode estar relacionada a uma expressão mais “discreta” no ambiente virtual, pela fala ou escrita, sem a obrigatoriedade de exposição da própria imagem ao argumentar. Talvez esse seja um desafio ao retorno presencial das atividades: estimular a expressão de opiniões dos alunos sem medo da exposição, construindo um ambiente de diálogo e de respeito.

Outro ponto foram os resultados dos trabalhos. Pela liberdade conferida à escolha das danças a serem apresentadas, os estudantes colaboraram em grupo, tomaram decisões e construíram um trabalho em conjunto. Assim, trouxeram temas e danças significativas a cada um deles e formatos de apresentação que mostraram conhecimentos de diversos tipos de mídia e ferramentas digitais, explorando movimentos com o próprio corpo, a própria imagem, a imagem de sua casa e familiares em formatos diversos. As apresentações dos vídeos estimularam o engajamento da turma em relação a seus pares, proporcionando um clima de afetividade, incentivo e reciprocidade num momento de distanciamento social obrigatório da pandemia.

Diante das apresentações, é notório que não há como a tecnologia ficar de fora das atividades da Educação Física, desde que estabeleçam relações com a proposta pedagógica, o que pode levar a uma integração maior das linguagens corporal, visual e midiática. Além disso, os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes no ensino remoto mostraram o quanto a dança e a Educação Física podem contribuir para a construção do conhecimento quando esses fazem sentido para os estudantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Elisangela Almeida. **A dança na formação de professores de educação física: saberes e conhecimentos na intervenção profissional**. 2011. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2011.





BATISTA, Alison Pereira e colaboradores. A dança nas aulas de educação física no ensino médio: reflexões sobre o uso do xbox como ferramenta de ensino e aprendizagem. In: BATISTA, Alison Pereira e colaboradores (Orgs.). **Educação física no IFRN**. Natal, RN: IFRN, 2016.

BRASILEIRO, Lívia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? **Pensar a prática**, v. 6, p. 45-58, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sergio; CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CORREIA, Walter Roberto. **Educação física no ensino médio**: questões impertinentes. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Orgs.). **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DINIZ, Irla Karla dos Santos e colaboradores. Dança no ensino médio: da contextualização à prática. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Educação física no ensino médio**: diagnóstico, princípios e práticas. Ijuí, RS: Unijuí, 2017.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

GASPARI, Telma Cristiane. Dança. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Orgs.). **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GODOI, Marcos e colaboradores. O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de educação física. **Research, society and development**, v. 9, n. 10, p. e4309108734, 2020.

GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; GOMES, Luciane de Almeida. Temos que nos reinventar-: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. **Dialogia**, v. 1, n. 36, p. 86-101, 2020.

GODOI, Marcos e colaboradores. Les défis et les apprentissages des formateurs d'enseignants d'éducation physique pendant la pandémie de COVID-19 au Brésil. **Revue internationale des technologies en pédagogie universitaire**, v. 18, n. 1, p. 5-20, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. In: **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009, p. 9-24.

KAWASHIMA, Larissa Beraldo; MOREIRA, Evando Carlos. A educação física no ensino médio. In: KAWASHIMA, Larissa Beraldo; MOREIRA, Evando Carlos (Orgs.). **Educação física no ensino médio**: reflexões e práticas exitosas [e-book]. Cuiabá, MT: EdUFMT Digital, 2020.



MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov; LOPES, Tomires Campos. Desafios e propostas para a educação física no ensino médio. In: MOREIRA, Evando Carlos; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (Orgs.). **O quê e como ensinar educação física na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

NANNI, Dionísia. **Dança educação**: princípios, métodos e técnicas. 4. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

NEIRA, Marcos Garcia. Análise e produção de relatos de experiência da educação física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**, v. 53, p. 52-64, 2017.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. **A dança no contexto da educação física**: os (des) encontros entre a formação e a atuação profissional. 2002. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

SBORQUIA, Silvia Pavesi; GALLARDO, J. S. P. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 23, n. 2, p. 105-118, 2002.

SBORQUIA, Sivilia Pavesi; NEIRA, Marcos Garcia. Danças folclóricas e populares no currículo da educação física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 79-98, dez., 2008.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas em sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

#### **Dados da primeira autora:**

Email: [larissa.kawashima@ifmt.edu.br](mailto:larissa.kawashima@ifmt.edu.br)

Endereço: Rua João de Barro, 273, Recanto dos Pássaros, Cuiabá, MT, CEP: 78075-290, Brasil.

Recebido em: 25/02/2022

Aprovado em: 23/03/2022

#### **Como citar este artigo:**

KAWASHIMA, Larissa Beraldo e colaboradores. A dança como conteúdo da educação física: uma experiência com o ensino remoto no IFMT. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 1, p. 150-167, jan./abr., 2022.